

CAPÍTULO 2

Dois portugueses no movimento internacional da Escola Nova: Faria de Vasconcelos e António Sérgio

Margarida Louro Felgueiras

Introdução

A “Escola Nova” como pedagogia é sobretudo uma perspetiva, um experimento educacional e social, que se foi afirmando no final do século XIX. Resultado de variadas ações e experiências individuais, de pedagogos com formações e perspetivas sociais diversas, une a Escola Nova um conjunto de postulados em torno da criança, da sua liberdade e do seu interesse na aprendizagem, aos quais se devem subordinar as finalidades da educação e a ação do educador. Ao transformar-se em “movimento” pela ação de Ferrière, vai procurar aglutinar pessoas e influenciar as políticas educativas de diferentes países. Portugal participa na elaboração dessa pedagogia no início do século XX – com Faria de Vasconcelos e a sua escola nova em Bièrge-lez-Wavre, Bélgica,¹⁹¹², e teve em António Sérgio um importante difusor. Contudo Sérgio faz uma apropriação muito pessoal da formação recebida no Instituto Jean Jacques Rousseau, onde se matriculou com sua mulher, Luísa Sérgio, em 1914.

Os caminhos destes dois vultos maiores da Cultura e da Educação portuguesas foram diversos mas cruzaram-se algumas vezes em torno da vontade de contribuir para uma mudança educativa, que no caso de António Sérgio deveria servir de substrato à democracia. A partir de alguns dos seus escritos e da literatura já produzida sobre os dois autores, pretendemos colocar em relação estes dois vultos da educação e da cultura portuguesa, nos seus percursos internacionais e no contributo que deram para a difusão da *Escola Nova* em Portugal e no continente americano.

Faria de Vasconcelos: da Bélgica à América Latina

António Sena Faria de Vasconcelos (1880-1939) é, nas palavras de António Nóvoa (2015), “o educador português mais conhecido no estrangeiro”.¹ Natural de Castelo Branco, filho e neto de juizes, teve como destino o curso de Direito, que fez em Coimbra. Contudo, mal o terminou foi para Bruxelas, onde se matriculou na Universidade Nova de Bruxelas e “frequentou a Escola Livre Internacional de Ensino Superior, onde obteve o grau de Doutor em Ciências Sociais, tendo defendido a tese *Esquisse d’une théorie de la sensibilité sociale*.”²

Apesar das suas múltiplas visitas a Portugal foi em Bruxelas que organizou a sua vida: tornou-se docente no Instituto de Altos Estudos da Universidade, onde lecionou de 1904 a 1914 a disciplina de Psicologia e Pedagogia; casou em 1906 com Eugénie Leurquin, de quem se divorciou em 1923 e de quem teve uma filha que veio a falecer em 1924.³ Segundo Meireles Coelho (p. 267) entre 1912 e 1914, foi membro da Comissão Executiva da Sociedade Belga de Pedotecnia. Em 1912 funda uma “escola nova” em Bièrges-Wavre, considerada por Ferrière uma escola modelo. De acordo com os 30 princípios que Ferrière elencou, esta cumpria 28,5 desses requisitos, ficando à frente de outras escolas novas bem conhecidas como “Bedales, em

1. António Nóvoa, posfácio “O tempo da Educação Nova”, em *Uma Escola Nova na Bélgica*, por A. Faria de Vasconcelos. Tradução de Carlos Meireles-Coelho, Ana Cotovio e Lúcia Ferreira. (Aveiro: Universidade de Aveiro, 2015), 317.

2. Manuel Ferreira Patrício, “A Seara Nova no itinerário pedagógico de Faria de Vasconcelos”, *Seara Nova*, 1712 (Verão 2010).

3. Carlos Meireles-Coelho, posfácio “Pioneiro da Educação do Futuro”, em *Uma Escola Nova na Bélgica*, p. 288.

Inglaterra, com 25 pontos; a Escola de Abbotsholme, também em Inglaterra, com 22 ½ pontos; a Escola de Lietz, na Alemanha, com 22 pontos; a Escola des Roches, em França, com 17 ½ pontos.”⁴ só ultrapassada pela escola de Odenwald, na Alemanha.

Com o eclodir da I Guerra e a invasão da Bélgica pela Alemanha, vê-se forçado a exilar-se com a família na Suíça, onde recebe apoio de Ferrière, Claparède e Bovêt, no Instituto Jean-Jacques Rousseau. Na mesma época (1914-1916) aí se encontravam, como estudantes, António Sérgio e sua esposa, Luísa Sérgio.⁵ Faria de Vasconcelos foi Encarregado de Curso e proferiu três palestras de que resultou o livro *Une École Nouvelle en Belgique*, publicado pela editora Delachaux et Niestlé, 1915. No prefácio que fez ao livro, Faria de Vasconcelos é qualificado por Ferrière como “ce pionnier de l’éducation de l’avenir”.⁶ Na Páscoa de 1915 Faria de Vasconcelos abriu uma escola numa casa de Ferrière em Vaud, para raparigas e rapazes segundo a experiência de Bierges. A publicação deste livro com o prefácio de Ferrière bem como o facto de exercer as funções de Secretário do *Bureau International des Écoles Nouvelles*⁷ destaca Faria de Vasconcelos dentro do Movimento. A obra foi traduzida para inglês em 1919, para espanhol em 1920 e foi conhecida em Portugal por alguns homens de cultura e pedagogos, que se afirmaram seus seguidores. Contudo, só recentemente foi publicada em Portugal nas Obras Completas⁸, ainda em francês e finalmente traduzida e publicada por Carlos Meireles-Coelho, em 2013. Pode-se dizer que apesar de respeitado e ouvido, esta sua obra não foi muito divulgada em Portugal. Isso deve-se também ao facto de ter rumado para a América em 2015 – Cuba e Bolívia.

4. Cf. Manuel Ferreira Patrício, “A Seara Nova no itinerário pedagógico de Faria de Vasconcelos”, *Seara Nova*, 1713 (Outono 2010); Meireles-Coelho, posfácio “Pioneiro da Educação do Futuro”, em *Uma Escola Nova na Bélgica*, 287.

5. António Nóvoa, dir., *Dicionário de Educadores Portugueses*, s.v. “SÉRGIO de Sousa, ANTÓNIO”, (Porto: Edições Asa, 2003).

6. Manuel Ferreira Patrício, “A Seara Nova no itinerário pedagógico de Faria de Vasconcelos”, *Seara Nova*, 1713 (Outono 2010).

7. Laura Henriques, “Faria de Vasconcelos: da Bélgica a Cuba”, em *António S. Faria de Vasconcelos nos meandros do Movimento da escola Nova: pioneiro da educação do futuro*, por Ernesto Candeias Martins, Coord./Org. (Castelo Branco: Câmara Municipal de Castelo Branco, 2019), 531.

8. A. Faria de Vasconcelos, *Obras Completas*, Vol. II, organização e introdução de J. Ferreira Marques, (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000).

Indicado por Ferrière e Claparède a Juan Ramon Xiques, pedagogo ligado ao Movimento da Escola Nova e presidente da Fundação Luz Caballero, recebeu o convite do Governo Cubano, que à época pretendia fazer uma reforma da educação e fundar uma escola nova, segundo o modelo de Bièrges, em Havana. Proposta idêntica fora dirigida a António Sérgio pelo Diretor do *Bureau International des Écoles Nouvelles*, que ele declinou.⁹

Laura Henriques, que estudou a estadia de Faria de Vasconcelos em Cuba, assinala como os jornais¹⁰ informaram da sua chegada, apresentando-o como um pedagogo belga e quais os objetivos da sua estadia: a reforma da organização escolar e de implantar em Cuba a Escola Nova. Segundo a autora, citando Lopes Dias (1969:89) durante a sua estadia foi nomeado “Inspetor do Ministério da Saúde e do Benfazer, para se ocupar da organização da Escola Preparatória de Crianças Abandonadas”. Fez algumas conferências no Ateneu, na Academia e no Colégio Inglês e vários autores cubanos citam-no em artigos de jornais, sempre ligado ao Movimento da Escola Nova. Publicou um artigo no jornal *El Figaro*, 5 março de 1916 com o título *Lo que son las Escuelas Novas*, em que procura divulgar a pedagogia nova.

Apesar da cobertura que os jornais lhe deram não lhe foram facultados meios para criar uma Escola Nova, o objetivo da sua ida a Cuba, e acabou por integrar-se na missão belga que se dirigia para a Bolívia, em 1917. Nesse percurso e de acordo com Laura Henriques, que vimos seguindo, fez “uma longa viagem pela América do Sul”, tendo observado as obras de abertura do canal do Panamá, que terá inspirado o seu livro *Por terras d’Além-Mar (Viagens na América)*, publicado em Portugal em 1922.¹¹ Segundo Manuel Patrício a sua passagem por Cuba terá deixado marcas em intelectuais e pedagogos cubanos como Aguayo, cujas obras foram publicada no Brasil, pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo.¹²

9. Rogério Fernandes, “António Sérgio: notas biográficas”, *Revista Lusófona de Educação*, 12 (2008): 17.

10. A autora, que consultou a Biblioteca Nacional José Martí em Havana, identificou em 1915 notícias nos jornais *El Figaro*, *La Discusión*, *Diario de la Marina*, *Heraldo de Cuba* e *Cuba Pedagógica*.

11. Laura Henriques, “Faria de Vasconcelos: da Bélgica a Cuba”, em *António S. Faria de Vasconcelos nos meandros do Movimento da escola Nova*, 532-533, 540.

12. Cf. Manuel Ferreira Patrício, “A Seara Nova no itinerário pedagógico de Faria de Vasconcelos”, *Seara Nova*, 1713 (Outono 2010).

A ida para a Bolívia enquadra-se na estratégia seguida pelos governos liberais bolivianos e modernizar o país e o seu sistema educativo, estabelecendo protocolos com países europeus. A Bélgica era vista como o centro irradiador de novas ideias e técnicas educativas e Faria de Vasconcelos, que foi aluno e professor da Universidade Livre de Bruxelas e era casado com uma cidadã belga mantinha ligações com os seus colegas. A primeira missão belga realizou-se entre 1909-1912 e nela participou George Rouma e vários outros professores belgas. Faria de Vasconcelos integra uma nova missão, a convite de George Rouma, em 1917. George Rouma tinha sido professor de pedagogia e psicologia da Escola Normal e Provincial de Charleroi e colaborador de Decroly e segundo Ernesto Candeias foi contratado pelo governo boliviano para Diretor da Instrução Primária e Secundária. Durante a sua estadia na Bolívia foi nomeado sucessivamente para diretor da Escola Normal de Sucre; Escola Normal de La Paz, Instituto Normal Superior Simón Bolívar, no Sucre, para professores do ensino secundário.¹³ Segundo Glória Pérez Serrano, citada por Candeias (2019:551), considera Rouma um representante da pedagogia sociológica, no contexto do movimento da Escola Nova.

Faria de Vasconcelos chega à Bolívia em meados de 1917 e é encarregado de organizar a Secção de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal Superior de La Paz, onde é diretor George Rouma. Foi ainda nomeado diretor da Escola Normal Mista de Precetores de Sucre, 1919, da Universidade de Chuquisaca, em regime de coeducação, onde também é professor até 1920. Na Bolívia vai ter condições para desenvolver algumas das suas propostas de acordo com a pedagogia científica da Escola Nova. Pode dizer-se que muitas das ideias que virá a propor e a realizar em Portugal já as tinha ensaiado na Bolívia, onde desenvolve intensa atividade como reformador quer na formação de professores, na reorganização escolar e introdução de novos métodos pedagógicos quer na divulgação das suas ideias através da publicação de artigos na *Revista Pedagógica*, órgão da Escola Normal de Sucre. Segundo

13. Ernesto Candeias Martins, “Faria de Vasconcelos na esteira de Georges Rouma na (re)organização da educação pública boliviana: das ideias da Escola Nova à formação de professores”, em António S. Faria de Vasconcelos *nos meandros do Movimento da escola Nova*, 547-549.

Ernesto Candeias, que vimos seguindo, nesta Escola que Faria de Vasconcelos dirige, vai dar especial atenção à reorganização do ensino (espaços, salas de aula, laboratórios, biblioteca, gabinete de orientação escolar e cria a Secção de “Jardineiras de Crianças”, promove a coeducação, a *Didáctica das Ciências Naturais* e o autogoverno (self-government) na escola). Introduce um 4º grau primário com tendências profissionalizantes, mesmo nas escolas femininas. O objetivo era reforçar a cultura recebida na escola, despertando as aptidões que proporcionasse a escolha futura da profissão. Ao mesmo tempo publica o Syllabus do Curso de Direção e Organização das Escolas em 1919.¹⁴ Este é uma espécie de manual do curso que lecionou, foi publicado pela Escola Normal de Sucre e nele aborda temas como a colaboração médico-pedagógica, o edifício e os espaços escolares, mobiliário adequado, horários, os jogos, os trabalhos manuais, jogos e ginástica.

Percebe-se que o conhecimento da sociedade boliviana permite o desenvolvimento do pensamento de Faria de Vasconcelos, introduzindo novas temáticas pela primeira vez, como as questões da higiene escolar e social e o papel dos médicos; da assistência e o papel das enfermeiras. É todo um programa de Educação Nova que põe em ação de forma contextualizada, apresentando a teoria acompanhada de materiais e orientações para a prática pedagógica, formando educadores para os diversos graus de ensino, do jardim escola ao ensino secundário, criando ambientes educativos simultaneamente estruturados e com normas e ao mesmo tempo como espaços de liberdade e responsabilidade, onde os/as estudantes desenvolvem um sentido de individualidade e de responsabilidade social. Este desenvolvimento integral dos e das estudantes é feito no conhecimento e valorização da cultura local e indígena, para a qual a *Didáctica das Ciências Naturais*, onde introduz os princípios do ensino experimental das ciências e da observação pedagógica, desempenha um papel fundamental. Ainda nesse sentido implementa bibliotecas itinerantes para chegarem às populações indígenas no interior da Bolívia. Todo este labor pedagógico vai contribuir para o estabelecimento do Estatuto para a Educação da Raça Indígena, 1919.¹⁵ Durante a sua estadia na

14. *Ibid.*, 558-559, 565.

15. Ernesto Candeias Martins, “Faria de Vasconcelos na esteira de Georges Rouma na (re) organização da educação pública boliviana”, *Ibid.*, 565.

Bolívia, Faria de Vasconcelos faz uma pormenorizada descrição etnográfica dos índios do planalto boliviano, expresso no livro *Por Terras d'Além-Mar: Viagem na América*, publicado em Lisboa em 1928. Segundo Ernesto Candeias, “antecipou-se trinta e três anos aos *Tristes Trópicos*, do antropólogo Claude Levy Strauss, considerada obra pioneira sobre esta temática, mas, editada em Paris, somente em 1955”.¹⁶ Foi este contacto, atenção e empatia com a dor das populações indígenas que o leva a distanciar-se da propalada incapacidade dos índios, que atribui à tentativa de os domesticar e propõe uma educação baseada na cultura indígena: “Educar um índio à espanhola não é educá-lo, mas domesticá-lo, pervertê-lo; educá-lo à índia, isso sim que é educar, porque é formá-lo na fonte viva da sua raça e da sua personalidade.”¹⁷

O regresso e a sua ação em Portugal

O golpe de estado militar de 1920 na Bolívia vem reverter alguns dos princípios pedagógicos difundidos, como a coeducação, criar um mal-estar político que associado às saudades e “sugestões” de Portugal, segundo as palavras da esposa e ex-aluna boliviana, D. Celsa, provocou o regresso de Faria de Vasconcelos a Portugal.¹⁸ Apesar de todas as diligências para que ficasse, saiu em gozo de licença e não retornou. A sua dedicação à causa do ensino na Bolívia e a imagem que aí deixou pode aferir-se pela afirmação da esposa “foi na Bolívia o país em que mais tarde havia de decretar-se luto nacional pela morte do egrégio Educador português”.¹⁹

Faria de Vasconcelos chega a Portugal em 1921 com uma vasta experiência de docência e reorganização do ensino Normal e com uma nova companheira, de quem terá dois filhos. É-lhe oferecido o lugar de professor na Escola Normal Superior de Lisboa onde permanecerá até ao seu fecho. Concorre à Faculdade

16. Maria Adelaide Salvado, “A ligação de Faria de Vasconcelos às terras da Beira”, em *António S. Faria de Vasconcelos nos meandros do Movimento da Escola Nova*, por Ernesto Candeias Martins, 143, que cita a obra de A. Faria de Vasconcelos, *Por Terras d'Além Mar. Viagens na América* (Lisboa: Seara Nova, 1922).

17. *Ibid.*, 143.

18. Laura Henriques, “A atividade educativa e pedagógica de Faria de Vasconcelos na Bolívia”, em *António S. Faria de Vasconcelos nos meandros do Movimento da Escola Nova*, por Ernesto Candeias Martins, 581.

19. *Ibid.*, 581.

de Letras de Lisboa em 1922 onde ingressa como docente e aí permanece até à sua morte, em 1939. Foi co-fundador da *Seara Nova*, grupo e Revista da iniciativa de Raúl Proença, responsável da Biblioteca Nacional, com vários vultos da cultura portuguesa, onde consta a participação de António Sérgio. Aí colaboraram na preparação da *Proposta de lei sobre a reorganização da educação nacional*, 1923, do Ministro da Instrução Pública, João Camoesas, que terá em Faria de Vasconcelos o principal relator mas, também, com o contributo de António Sérgio. É este último que a defenderá publicamente e será o seu principal propagandista.²⁰ Será também neste período e dentro da *Seara Nova* que se estabelecerá uma tensão e afastamento entre ambos, a quando da nomeação de António Sérgio para Ministro da Instrução Pública, substituindo João Camoesas, em dezembro de 1923.

Não se conhece, além desta participação na Reforma Camoesas de outra participação política direta de Faria de Vasconcelos, embora o seu empenhamento cívico tenha sido uma constante e ultrapassou largamente o estritamente escolar, como comprova a sua participação em periódicos como *A Batalha*, *órgão da CGTP- Confederação Geral do Trabalho* ou da *Revista de educação Popular*, *órgão da Universidade Popular*. A escrita foi uma atividade a que se dedicou, visível na sua ampla obra pedagógica e em várias revistas pedagógicas como *Educação Social*, *Revista Escolar*, *Brotéria*, *Boletim do Instituto de orientação profissional*, *Revista Lusitânia*, entre outras. Foi colaborador da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* e escreveu na *Revista Pedagógica*, da Escola Normal de Sucre, Bolívia, de que era diretor. As suas obras completas foram editadas em 7 volumes, pela Fundação Calouste Gulbenkian, entre 1986 e 2011.²¹

A sua ação em Portugal, de 1921 até à sua morte em 1939 foi intensíssima, tendo conjugado a docência, a produção científico-pedagógica com a atividade de conferencista e de interventor social. Foi fundador e diretor do Instituto de Orientação Profissional Maria Luísa Barbosa de Carvalho (1925-1939), tendo sido, nas palavras de Ernesto Candeias, um pioneiro europeu na área da orientação psicopedagógica da escolha da profissão e na orientação escolar de

20. António Nóvoa, *Dicionário de Educadores Portugueses*, s.v. SÉRGIO de Sousa, ANTÓNIO.

21. Cf. Carlos Meireles-Coelho, "Notas sobre uma Escola Nova na Bélgica", em *Uma Escola Nova na Bélgica*, de A. Faria de Vasconcelos, 268.

alunos com problemas de aprendizagem.²² Participou na criação do Instituto de Reeducação Mental e Pedagógica, destinado a menores com problemas mentais e delinquentes suscetíveis de educação, sob tutela do Tribunal de Menores de Lisboa. Sendo difícil apresentar a vida e a obra de um autor tão prolífero e operante na comunidade científica nacional e internacional, procuraremos sintetizar os seus principais campos de ação e alguns traços mais marcantes da sua atividade, traduzida também em publicações.

Sendo um investigador em Psicologia e em Ciências da Educação, docente, pedagogo pioneiro e fundador de uma Escola Nova, formador de professores na Suíça, Cuba, Bolívia e em Portugal, interventor social colaborando em diversos grupos de debate e intervenção cívica, como a Seara Nova, a Universidade Popular, a Sociedade de estudos Pedagógicos de Lisboa, o Ginásio Clube Português ou congressos de professores, foi um adepto da *paidologia* e da *pedotecnia*. Considerava a *pedotecnia* não apenas como um meio para resolver problemas imediatos de comportamento, mas como instrumento fundamental para a orientação do estudo e na escolha da profissão. A *pedotecnia* marcava a passagem do empirismo para o campo científico em educação. Como pedagogo da Escola Nova, entre os vários princípios que defende encontram-se a autonomia do estudante, a adaptação do ensino ao desenvolvimento natural, físico e psíquico da criança, a importância da educação física, dos trabalhos manuais, das excursões escolares e do contacto com a natureza e com a cultura das comunidades, para o desenvolvimento integral das capacidades dos alunos. Nesse sentido vai dar importância ao trabalho didático, em particular das ciências da natureza, pela possibilidade que permitem de experimentar e observar, retirar resultados e analisá-los. Estes temas serão recorrentes na sua obra, desde *Uma Escola Nova na Bélgica* (1915) quer na *Metodologia de las Ciencias Naturales* (1919) ou em *Problemas Escolares* (1921), a par da formação cívica e social.

Como primeiro diretor do Instituto de Orientação Profissional (1925-1936), inicialmente criado na dependência da Assistência Pública (Lisboa, 1925), interessou-se pelas crianças em risco. Desde a sua escola na Bélgica

22. Ernesto Martins Candeias, introdução a “António S. Faria de Vasconcelos nos meandros do Movimento da Escola Nova”, 19.

que era um defensor da intervenção médica na escola.²³ No Instituto de Orientação Profissional estudou as inclinações dos menores dos 12 aos 15 anos, tutelados pela Provedoria Central de Assistência, fez rastreio de crianças “ditas anormais” pedagógicos, físicos e mentais acolhidos pelos serviços jurisdicionais da Tutoria Central da Infância. O diagnóstico assentava em três tipos de exames: clínico (antropométrico e fisiológico); psicológico para detetar aptidões sensoriais e mentais; pedagógico ao grau e tipo de conhecimentos adquiridos para uma especialização da aprendizagem para uma profissão e, ainda, dos valores e princípios éticos. Na sequência destes estudos publicou no *Boletim do Instituto de Orientação Profissional* nove monografias profissionais (de serralheiro civil, tipógrafo, alfaiate, modista, bordadeira, etc) segundo critérios técnico, económico, psicológico e pedagógico.²⁴ O Instituto passou em 1928 para a tutela da Instrução Pública e estava organizado em Secções. Segundo Ernesto Candeias, Faria de Vasconcelos dirigia as secções psicológica e a pedagógica e João Camoesas a Secção fisiológica. Entre os diretores de secção encontra-se o professor Manuel Subtil, bem conhecido no meio associativo docente. Apesar da indiferença e desconhecimento da intervenção do Instituto de Orientação Profissional no país, o *Livro de Visitantes* regista a presença de especialistas de vários países: inspetores do Uruguai, da Colômbia, do *Bureau International du Travail*, da Universidade de Santiago de Compostela, do Reformatório de Madrid, de Ferrière, de J. Maquet, secretário geral da *Association Internationale pour la Protection de l'Enfance*, de Cecília Meireles e de várias individualidades brasileiras do Rio de Janeiro ligadas ao direito, à medicina legal e à educação, entre elas Afrânio Peixoto (1937), do professor chileno de psicologia experimental, Jorge Ferradu e uma delegação da Califórnia. Colaborou ainda na organização do Instituto de Reeducação Mental e Pedagógica Dr. Navarro de Paiva (1930) para

23. Anabela Amaral, “Faria de Vasconcelos e a Medicina Escolar as Práticas Higiénicas e o Robustecimento Físico e Mental do Aluno no início do século XX”, em *António S. Faria de Vasconcelos nos meandros do Movimento da Escola Nova*, 375-397.

24. Ernesto Candeias Martins, “Ação de Faria de Vasconcelos no âmbito da Orientação Profissional/ Escolar no IOP”, em *António S. Faria de Vasconcelos nos meandros do Movimento da Escola Nova*, 328-330. Sobre a organização do Instituto e o pensamento da Escola Nova nele presente ver José António Martín Afonso, “Faria de Vasconcelos: Da Psicologia Científica à Orientação Profissional. Lições e Reflexões de uma Prática Científica e Profissional”, em *António S. Faria de Vasconcelos nos meandros do Movimento da Escola Nova*, 267-320.

menores do sexo masculino, dos 9 aos 16 anos, delinquentes e indisciplinados, portadores de deficiência mental, sob tutela do Tribunal de Menores e anexo à Tutorial Central da Infância de Lisboa.²⁵

António Sérgio: digressões europeias e brasileiras

Apesar de vários trabalhos sobre António Sérgio, não existe, nas palavras de Rogério Fernandes, seu discípulo e amigo, “um estudo biográfico relativo aos vários períodos da sua vida”.²⁶ Uma vida longa, atribulada, amarga muitas vezes, uma formação humanista, plurifacetada, mais autodidata que escolar, está representada numa vastíssima obra de historiador, “pensador, de sociólogo, pedagogo e reformador”.²⁷

Segundo Rogério Fernandes²⁸, António Sérgio era oriundo de uma família de “fidalgos cavaleiros da casa real”, tendo nascido em Damão em 1883, ao tempo território colonial português na Índia, de onde foi aos três anos para o Congo português, de que o pai fora nomeado governador. Aí viveu até aos 10 anos, no seio de adultos brancos, num regime muito livre, fruto da sensibilidade dos pais e sem educação sistemática. Terá aprendido a ler por um atlas de geografia francês, fazendo perguntas e fixando capitais e países. Quando a família regressou de África frequentou uma escola para fazer o exame de instrução primária e dar entrada no Colégio Militar, em 1894, ao qual se refere de forma positiva, principalmente o encanto pela matemática e pela física, apesar dos métodos antiquados. Fez um ano propedêutico na Escola Politécnica e em 1901 foi transferido para a Armada e para a Escola Naval, onde tirou o curso de oficiais, dos 18 aos 21 anos. É nessa época que

25. Este Instituto foi criado pelo Decreto n.º18375, de 17 de maio de 1930 e resulta da aceitação pelo Estado do legado testamentário do Juiz Conselheiro Dr. José Navarro de Paiva, de 1924. Blog *Restos de Coleção*, <http://restosdecolecao.blogspot.com/2018/06/instituto-dr-navarro-de-paiva.html>, [acedido a 5/5/2019]. Cf. Ainda *Monographie de l'Institut de Reeducation Mentale et Pédagogique* (Lisboa: Imprensa Lucas, 1931); *Seara Nova*, 1713 (outono de 2010).

26. Rogério Fernandes, “António Sérgio: notas biográficas”, *Revista Lusófona de Educação*, 12 (2008), 14.

27. José Carlos González, Introdução, em *Correspondência para Raul Proença*, de António Sérgio, Organização e introdução de José Carlos González. Com um estudo de Fernando Piteira Santos (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987) 17.

28. Rogério Fernandes, “António Sérgio: notas biográficas”, *Revista Lusófona de Educação*, 12 (2008), 14.

o gosto pela matemática cede ao da filosofia, literatura e arte, que lhe fará repensar a profissão. Entre 1904 e 1905 embarca na canhoeira Lima para Macau.

António Sérgio definia-se como um “aristocrata socialista” e manteve discordância com a propaganda negativista republicana, pelo que se tornou suspeito às novas autoridades e o leva a pedir uma licença ilimitada. Em 1911 faz a sua primeira viagem ao Brasil, onde residia o sogro e aí permanece até 1914, altura em que vai para a Suíça, por motivos de saúde, acompanhado pela esposa. Aproveitam para se inscreverem no Instituto Jean Jacques Rousseau, de que existe uma biografia, transcrita por Daniel Hameline e António Nóvoa.²⁹ Aí cruza-se com Faria de Vasconcelos e faz parte do Bureau International des Écoles Nouvelles. A frequência da Faculdade de Ciências de Educação de Genebra vai marcar o seu pensamento pedagógico de forma indelével e as tentativas de fazer uma carreira como docente numa escola de formação de professores ou na Universidade. Esse desejo não se concretizará a não ser num breve período do seu exílio, em 1932, na Universidade de Santiago de Compostela, onde ministrou um curso sobre Antero de Quental.

Para ganhar a vida António Sérgio exerceu múltiplas funções, com destaque para a indústria cultural, tendo começado como diretor da revista Serões, em 1911. Data dessa época o contacto com Raúl Proença³⁰, que considerará mais tarde como o melhor amigo³¹, e Manuel da Silva Gaio.³² Simultaneamente trabalha para a editora americana Sociedade Internacional, em Lisboa, Londres e Rio de Janeiro. É ao serviço dessa editora que se desloca a Inglaterra em 1911 e ao Brasil em 1913, passando a residir no Rio de Janeiro e atuando entre o Rio e São Paulo. Na editora no Brasil, além de trabalhar na elaboração e publicidade de uma Enciclopédia e estar encarregado da

29. Daniel Hameline, António Nóvoa, “Autobiografia inédita de António Sérgio- escrita aos 32 anos no Livre d’Or do Instituto Jean-Jacques Rousseau (Genève)”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 29 (1990) 141-177.

30. Raúl Proença (1884-1941), intelectual e jornalista republicano e socialista, bibliotecário e político interveniente, fundador da *Seara Nova* e de outras revistas significativas no panorama cultural português dos anos 20 e 30 do século XX. Conheceu o exílio em Paris durante a Ditadura.

31. José Carlos González, *ibid.*, 9.

32. Manuel da Silva Gaio (1860-1934), foi poeta e publicista, colaborador de vários jornais, entre eles *O Estado de São Paulo*, *O Século* e revistas como *O Instituto* e *Seara Nova*.

correspondência da editora, publicou uma antologia que elaborara com Raúl Proença e de que ele próprio se encarregava das vendas.³³ O trabalho era intenso, como confidencia em cartas aos amigos e adoeceu.³⁴

Após a estadia na Suíça regressou a Lisboa onde, além da atividade para a editora, escreve e intervém socialmente, ao mesmo tempo que se dedica à atividade docente com um pequeno grupo de alunos, na casa de um amigo e num colégio particular e à criação de uma escola infantil em 1917, possivelmente com a esposa, que fizera o curso em Genebra.³⁵ Regressará de novo ao Brasil, em 1920, decepcionado por não ter conseguido o lugar de professor de Pedagogia na Faculdade de Letras, para o qual tinha sido proposto por Adolfo Coelho. Entre os negócios que teve de assumir esteve a montagem de uma tipografia e a reforma do serviço das publicações Leammert, que segundo Rogério Fernandes devia pertencer ao sogro³⁶. Foi acompanhado por Álvaro Pinto, com quem funda a “Sociedade Sérgio & Pinto, que administrava a Livraria Editora Anuário do Brasil, com sede no Rio de Janeiro e filial em São Paulo, representando a ‘Renascença Portuguesa’, a ‘Seara Nova’ e os Anais das Bibliotecas e Arquivos. Além disso, a empresa editava a revista Terra do Sol”.³⁷ Sairá do Brasil para França e Suíça, novamente por razões de saúde e daí voltou a Portugal, em 1922. No regresso desenvolve intensa atividade cívica no seio da Seara Nova, participa com Faria de Vasconcelos na redação do projeto de reforma do Ministro Camoesas, 1923, e abraçou a sua defesa e divulgação. No grupo da Seara Nova, participou na redação de uma carta dirigida ao Presidente da República sobre o problema pedagógico, em que defendiam a criação imediata de um Museu Pedagógico em Lisboa. Este teria como função “organizar material de ensino para as escolas, publicar guias para professores.”³⁸ Na sequência desse movimento vai ser indigitado Ministro da Instrução em 1924, ainda que por poucos meses, sucedendo

33. Rogério Fernandes, “António Sérgio: notas biográficas”, *Revista Lusófona de Educação*, 12 (2008): 19.

34. *Ibid.*

35. Rogério Fernandes, *A pedagogia portuguesa contemporânea* (Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1979), 151.

36. Rogério Fernandes, “António Sérgio: notas biográficas”, *Revista Lusófona de Educação*, 12 (2008): 19.

37. Rogério Fernandes, *ibid.*

38. *Ibid.*, 25

no cargo a Comoesas. Esta indigitação valeu-lhe um atrito com Faria de Vasconcelos, que com ele cortou “relações oficiais”.³⁹

A quando do golpe militar em 1926 regressa a França como exilado político, onde enfrenta uma vida dura de trabalho editorial – para a editorial Quillet e para o semanário Paris-Madrid; de tradutor para um editor em São Paulo de uma novela de Tolstoi; na indústria cultural como diretor de diálogo para a Paramount, adaptando para português os primeiros filmes sonoros; como professor particular. O trabalho é muito e os rendimentos reduzidos; mesmo assim dá algum apoio a Raul Proença e mantém contacto com os refugiados portugueses em França e Espanha, procurando uni-los no combate à Ditadura. Aproveita a amnistia de 1933 para regressar a Portugal mas será preso (por 8 meses), pelo que se exila novamente em Madrid, de onde regressará, mercê de nova amnistia da Ditadura e para conhecer novos períodos de cárcere. Mesmo assim não esmorece no combate cívico, colaborando na candidatura de Norton de Matos em 1949 com um texto para a Comissão de Estudos sobre o problema do ensino, em que critica a pedagogia do regime. Segundo Rogério Fernandes⁴⁰, de quem foi mentor e amigo, em 1953, presidiu à Comissão Promotora de Voto, que lutava por garantir a democraticidade dos atos eleitorais e de novo, em 1958, foi o principal impulsionador da candidatura do General Humberto Delgado à Presidência da República. A morte leva-o aos 86 anos, em 1969, e o próprio funeral constituiu um momento cívico, com a presença de muito povo anónimo, que sofreu as cargas da polícia de choque ao longo do percurso.

Da revolução pedagógica como apostolado cívico e engenharia social

António Sérgio quando abandona o lugar de oficial da Armada tem já a determinação de se dedicar à educação. A ida à Suíça e a frequência da licenciatura no Instituto Jean-Jacques Rousseau exerceram nele forte

39. Cf. Carta de António Sérgio de 16 de setembro de 1923, Coimbra, a Raul Proença, em *Correspondência para Raul Proença*, de António Sérgio (Lisboa: Biblioteca Nacional e Publicações Dom Quixote, 1987), 172-173.

40. Rogério Fernandes, “António Sérgio: notas biográficas”, *Revista Lusófona de Educação*, 12 (2008): 27.

influência e determinaram, de algum modo, a estruturação do seu pensamento educacional. O contacto com Pierre Bovet, Claparède e Ferrière deixaram marcas no seu pensamento assim como simpatia e respeito por parte de colegas e professores. A prova-lo estão os factos de ter sido eleito Presidente da *Amicale des professeurs et élèves* do Instituto, em 1915, o de ter sido autorizado a publicar na Revista do Instituto *L'Intermédiaire des éducateurs* e o de ter sido convidado em 1914, a fundar uma Escola Nova em Cuba, incumbência que declinou por demorada e preferir trabalhar para a “regeneração social” do seu país.⁴¹ Este sentido de dever cívico foi uma constante quer do seu pensamento quer da sua vida.

É no período de 1914 a 1918 que inicia uma atividade de “pedagogia social” que o faz participar do movimento Renascença Portuguesa e a elaborar o seu pensamento pedagógico, traduzido na produção de várias obras de referência: O problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares (1914); Educação Cívica, Considerações histórico-pedagógicas ambos de 1915; Educação profissional (1916); A função social dos estudantes e Noções de Zoologia, de 1917; O ensino como factor de ressurgimento nacional (1918). Nestas obras sobressai como influência determinante as obras de Kerschensteiner, *Education for citizenship* e *The Fundamental principles of continuations schools*; de Wilson L. Gill⁴² e R. William George⁴³, *The Junior Republic* e ainda Maria Montessori, John Dewey e Ferrière. Em particular as três obras referidas são referenciadas e marcaram a sua visão dos problemas educativos, de que faz uma síntese pessoal, procurando fundamentar as suas teorias pedagógicas na interpretação que fazia da evolução histórica de Portugal. Uma breve síntese dessa inter-relação da produção histórico-

41. António Sérgio, carta de 20 de Novembro de 1914, em *Correspondência para Raul Proença*, 127.

42. Gill, Wilson Lindsley (1851-1941), autor americano que publicou entre outras obras pedagógicas *The Gill System of Moral and Civic Training as Exemplified in the School Cities and School State at the State Normal School*, (New York: New Paltz, 1901); *A Social and Political Necessity. Moral, Civic and Industrial Training, experiences, reports and proposed legislation*. 1902; *The boys' and girls' republic; text-book of the art of citizenship*, 1913.

43. Reuben William George (1866-1936), autor americano que publicou *The Junior Republic: Its History and Ideals*, (New York: D. Appleton & Company, 1910); *The revelation of a social laboratory*, 1931, entre outras obras e que terá, conjuntamente com a obra de Wilson Lindsley Gill, influenciado a obra de John Dewey.

económica com as necessidades do sistema educativo foi apresentada por Rogério Fernandes.⁴⁴ O pensamento de António Sérgio não se limitou ao estritamente pedagógico, no sentido didático-metodológico; pelo contrário, a sua revolução pedagógica tinha como horizonte a educação social do povo português, e como preocupação os alicerces de uma “pedagogia para o ‘ressurgimento’ nacional”, como refere Rogério Fernandes.⁴⁵

Em António Sérgio encontramos um discurso científico, quer como historiador brilhante que foi quer como pedagogo, e também um discurso de ação política, reformadora, e um discurso militantemente empenhado na causa do apostolado cívico, última esperança de um ressurgimento nacional, que acordasse as forças vivas da nação. Através desses diversos discursos perpassa sempre um conceito de “educação nova”, de liberdade e de emancipação social. Na tradição do humanismo pedagógico dos séculos XVIII ao XX, acrescido dos contributos do pensamento socialista e democrático, a educação era pensada como meio, instrumento de desenvolvimento tanto das capacidades individuais como da sociedade. No caso português deveria ser capaz de levar os cidadãos a combater o saudosismo, o sebastianismo, o fatalismo, a resignação perante a miséria, o isolamento, o nepotismo e o obscurantismo de um pensamento único, tão bem simbolizados e concretizados no livro único da escola primária da Ditadura. Para Sérgio, o desafio que se colocava à educação era o desenvolvimento das capacidades crítica e empreendedora dos cidadãos, em prol de uma sociedade justa, o domínio de destrezas manuais e de qualidades morais ao serviço da Liberdade das pessoas. Tais desafios só se poderiam concretizar através de uma educação *pelo trabalho, pela autonomia, pelo auto-governo no município escolar*. Estes são conceitos que encontramos recorrentemente nas suas mais emblemáticas obras pedagógicas e constituem o núcleo da sua engenharia social.

No seu ideário salientamos como conceito-chave o da *educação pelo trabalho*, por se ligar intimamente com a fundamentação do seu discurso pedagógico numa visão histórica da sociedade portuguesa, na tentativa de compreender o sistema de ensino como correspondendo às necessidades

44. Rogério Fernandes, “A Pedagogia portuguesa contemporânea”, 46-61.

45. Rogério Fernandes, “A Pedagogia portuguesa contemporânea”, 43.

socioeconómicas de um dado momento histórico. No caso português, o atraso no desenvolvimento do sistema capitalista ditaria a necessidade de uma congregação de classes sociais em vez da *luta de classes*. Ora a sua conceção de educação no *município escolar* visa além da aprendizagem do autogoverno, da responsabilidade e da autonomia, a criação de um clima de igualdade, de respeito e amizade inter-classista, que seria experienciado pelas jovens gerações e se repercutiriam num comportamento democrático como adultos. A bata serviria para a igualização dos alunos e alunas nos bancos da escola, servindo essa engenharia social do mérito pelo trabalho, pelo saber, pela capacidade crítica e de resolução de problemas, de proposição de soluções. A *escola do trabalho* desenvolvida por Sérgio não se confunde com “a escola para o trabalho”, característica do discurso liberal, cuja finalidade era adestrar as crianças e jovens para um ofício concreto, desde a escola primária, preparando mão-de-obra e reproduzindo assim a condição social de origem. Para António Sérgio tal educação deveria “assegurar a união do ensino com a atividade produtora”⁴⁶, deveria ser uma educação geral, não especializada e não livresca, politécnica, em que se toma como meio o exercício de uma atividade profissional para desenvolver capacidades polivalentes. Essa escola deveria ter continuidade *nas escolas de continuação*, o que implicava uma nova organização do sistema de ensino. O objetivo seria afastar o operário da sua condição de mecanismo, a que a indústria o reduzia, mostrando-lhe a consciência geral do seu trabalho e tornando-o participante consciente da comunidade. Nas suas palavras,

Só a escola essencialmente activa, para ricos e para pobres, pode fundir todas as classes numa comunidade humana superior: por um lado, elevando o trabalho à dignidade de uma concepção geral e filosófica; por outro, banindo o dualismo pedagógico que divorcia as classes desde a escola: em baixo a simples instrução do *abc*, mecânica e utilitária, para o homem do povo; em cima, essa etérea educação falsamente

46. António Sérgio, *A função social dos estudantes* e a sua preparação para a intervenção futura na sociedade portuguesa (Porto: Renascença Portuguesa, 1917), 7. Cf. também *Dicionário de Educadores Portugueses*, s.v. “SÉRGIO de Sousa, ANTÓNIO”, 1295.

aristocrática, meramente especulativa e sem ligação com o trabalho, que se dá, ainda hoje, às classes dirigentes da sociedade.⁴⁷

Advoga assim uma conciliação de classes sociais através da escola, como forma de evitar a revolução violenta e melhorar a vida das pessoas através do progresso económico e social. A defesa que faz do *município escolar* está impregnada desta visão interclassista, assim como do pensamento de Kerschensteiner, de Wilson Lindsley Gill e de William R. George. Na medida em que o município escolar miniaturiza o funcionamento social, deve contribuir para a aprendizagem do exercício democrático da cidadania através da experiência da autonomia e do autogoverno, intimamente ligados ao conceito de trabalho e liberdade.

A Escola Nova nos encontros e desencontros de dois portugueses

Faria de Vasconcelos e António Sérgio foram duas referências do movimento da Escola Nova, tendo atuado a nível internacional como seus representantes: Faria de Vasconcelos com a sua Escola Nova na Bélgica, no Secretariado Internacional e na missão a Cuba e à Bolívia; António Sérgio, em 1914, no Instituto Jean Jacques Rousseau e 1927, já no exílio em França, dirigirá a Secção Portuguesa da Liga Internacional Pró-Educação Nova, para além de toda a sua ação editorial e de publicista em Portugal e no Brasil⁴⁸, de conferencista e reformador. Foram duas figuras de intelectuais reconhecidos a nível internacional.

Faria de Vasconcelos atuou como educador e investigador em Ciências da Educação e em Psicologia, fazendo uma carreira académica notável a que uniu uma persistente capacidade de intervir socialmente, difundindo as ideias novas em educação. António Sérgio teve uma vida mais difícil, nunca

47. António Sérgio, *Ensaio VIII* (Lisboa: Ed. Sá da Costa), 226-227. Cf. também Rogério Fernandes, “A Pedagogia portuguesa contemporânea”, 54-55.

48. Salientamos os artigos que publicou no Brasil: “A educação cívica, a liberdade e o patriotismo antigos e modernos a propósito de Rousseau e de Camões”, *Atlântida – Mensário Artístico Literário e Social para Portugal e Brasil*, por António Sérgio, 16 (15 de Fev. 1917) 250-260 e “A educação cívica, a liberdade e o patriotismo antigos e modernos a propósito de Rousseau e de Camões”, *ibid.*, 17(15 de mar. 1917), 362-370.

pode realizar o desejo que tinha de ser professor de Pedagogia mas dedicou a sua vida à causa da educação, atuando como editor, escritor, político. Nessa qualidade, apesar do curto período de tempo de governo (1923-1924), deparou-se com dossiers difíceis que fizeram elevar o tom das críticas ao Governo. Mesmo assim, a ele se deve a criação do Instituto do Cancro, que ficou a funcionar, mas também o fecho das escolas Primárias Superiores, que eram as escolas de continuação, que considerava fundamentais para o desenvolvimento do país. As condições políticas e económicas exigiam o seu repensar e, sobretudo, a existência de professores para isso formados. Por isso, segundo Rogério Fernandes⁴⁹, empenha-se em criar a Junta de Orientação de Estudos, que não chegou a funcionar, mas que tinha como função promover a formação de professores, enviando-os ao estrangeiro e criando escolas experimentais, para os diferentes níveis de ensino. Em 1926, juntamente com José Rodrigues Miguéis, desenvolve atividades no seio da Liga Propulsora da Instrução em Portugal, fundada um ano antes no Estado de São Paulo, por beneméritos portugueses. A Liga contribuiria para a construção de escolas modelo, publicação de obras didáticas e atribuição de bolsas de estudo: de algum modo era a transposição para a Liga do que pretendia com a Junta de Orientação dos estudos.

Os dois autores colaboraram em alguns momentos, no início da década de 20 do século passado mas afastaram-se, fruto de divergências na atividade política. Faria de Vasconcelos restringiu-se a um trabalho mais académico e de investigação, direcionado para a orientação educativa e profissional, distante da ribalta política mas não da intervenção cívica e educativa, o que lhe permitiu sobreviver na fase inicial da Ditadura. Já António Sérgio assumiu desde logo uma posição ativa na resistência à Ditadura, o que lhe mostrou de forma mais clara a necessidade de investir na educação do povo. Apesar de continuar atento e a refletir sobre a educação portuguesa, como mostra os seus escritos para as campanhas eleitorais em que se envolveu (Norton de Matos em 1948; General Humberto Delgado em 1958), dedicou-se sobretudo ao cooperativismo, dando continuidade à sua análise sobre a necessidade de

49. Rogério Fernandes, "A Pedagogia Portuguesa Contemporânea", 94-98.

intervir a nível da educação popular, da escola rural, na prática do ensino agricultura e na criação de hábitos associativos.

Figuras notáveis da cultura portuguesa, apesar da qualidade reconhecida dos seus trabalhos, permaneceram obscurecidas num país fechado, isolado e mergulhado no medo. Se Faria de Vasconcelos morreu novo, António Sérgio que teve uma vida longa, nem por isso as suas ideias ou propostas eram conhecidas. Como estudante de História conheci a *Breve Introdução à História de Portugal*, de António Sérgio, de forma clandestina. De Faria de Vasconcelos não recordo ter ouvido qualquer referência à sua obra, nessa época. Voltam a ser lidos e publicados só no período democrático, porque o seu legado de propostas, a suas análises da situação portuguesa eram indispensáveis para se pensar o projeto de futuro, da escola democrática que desejamos. Eles inspiram-nos a pensar uma escola ativa, lugar de desenvolvimento de capacidades na sua ligação com as necessidades sociais e aspirações de uma escola pacífica e justa. Representam, parafraseando Nóvoa, o período de ouro da pedagogia portuguesa.